

Representações sobre a autoria feminina na imprensa jornalística do Rio Grande do Norte: o caso das Edições Clima

Anna Biatrys Moura*
Cellina Rodrigues Muniz**

Resumo

O artigo investiga as representações da autoria feminina norte-rio-grandense no domínio jornalístico, a partir da pesquisa originária, *As Edições Clima (1978-1997): uma abordagem discursiva*, que mapeou cerca de 195 publicações da editora *Clima* (cf. Muniz, 2023). Realizado um recorte de gênero no *corpus* da pesquisa, observaram-se 32 produções literárias de autoria feminina. Fundamentado na Análise do Discurso e nos estudos de gênero, o estudo utiliza as noções de campo literário (Maingueneau, 2001, 2015) e de representação midiática (Charaudeau, 2013; Lauretis, 2019; Coulumb-Gully, 2014). A metodologia envolveu análise documental das publicações literárias e das notas disponíveis na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional. Os resultados demonstram que as representações discursivas são atravessadas por estereótipos de gênero, frequentemente mediadas por figuras masculinas e referências familiares, mas também apontam tensões com processos de legitimação no campo literário. Essas representações refletem práticas históricas e culturais que tanto limitam quanto ampliam as possibilidades de agência feminina. O trabalho contribui para a expansão dos estudos sobre literatura potiguar e para os modos como se constroem as representações da autoria feminina no discurso midiático.

Palavras-chave: autoria feminina; análise do discurso; literatura potiguar; edições clima.

* Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestranda em estudos da linguagem (PPGEL/UFRN). Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-0303-2245>

** Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutora em Educação. Professora associada do departamento de Letras (DLET/UFRN) e do programa de pós-graduação em estudos da linguagem (PPGEL/UFRN). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7180-1994>.

Representations of female authorship in the journalistic press of Rio Grande do Norte: the case of Edições Clima

ABSTRACT

This work investigates the representations of female authorship from Rio Grande do Norte within the journalistic domain, based on the original research *As Edições Clima (1978-1997): uma abordagem discursiva*, which mapped approximately 195 publications from Editora *Clima* (Muniz, 2023). By applying a gender-focused approach to the research corpus, 32 literary works authored by women were identified. Grounded in Discourse Analysis and gender studies, the study draws on concepts such as literary field (Maingueneau, 2001, 2015) and media representation (Charaudeau, 2013; Lauretis, 2019; Coulumb-Gully, 2014). The methodology involved documentary analysis of literary publications and journalistic notes available in the Hemeroteca Digital of the Fundação Biblioteca Nacional. The results reveal that discursive representations are shaped by gender stereotypes, often mediated by male figures and familial references, while also highlighting tensions with processes of legitimation within the literary field. These representations reflect historical and cultural practices that both constrain and expand the possibilities of female agency. The study contributes to advancing research on literature from Rio Grande do Norte and the ways female authors construct and negotiate spaces within media and literary discourses.

Keywords: female authorship; discourse analysis; potiguar literature; edições Clima.

Recebido: 10/04/2025 /Aceito em: 10/08/2025

Introdução

No jornal popular *O Diário de Natal*, da capital provinciana do Rio Grande do Norte, em 1981, salta aos olhos uma nota na coluna *Roda viva*, que relatava acontecimentos dos mais diversos setores sociais:

“Mais do que um livro, mais do que uma canção de amor, é toda a força de viver expressa”. Opinião do Secretário de Educação do Município, Geraldo Queiroz, sobre o livro *Cantigas de Amigo*, de Myriam Coeli, que vai ser lançado, às 18 horas, na Livraria Clima do CCAB (Câmara, 1981, p. 4).

A nota leva o leitor de volta ao século XX, quando a imprensa era o principal meio de informar a população da vida literária, isto é, os lançamentos livrescos, os nomes dos autores mais difundidos, bem como as críticas e resenhas que des/avalizaram certas publicações. Assim, observar os jornais daquele tempo permite investigar o recorte de uma vida urbana e a inserção de uma voz feminina no meio autoral, tal como o instante em que Myriam Coeli (1926-1982), ganhou o Prêmio de poesia Otoniel Menezes, em 1980, promovido pela Prefeitura de Natal. Foi esse o prêmio, inclusive, que lhe possibilitou publicar seu terceiro livro poético, *Cantigas de Amigo*, em parceria entre a Fundação José Augusto (FJA) e a Clima Artes Gráficas (*Prefeito entrega [...]*, 1981, p. 8). Esta última é um dos flagrantes que subsidia este artigo, originário do projeto de pesquisa intitulado *As Edições Clima (1978-1997): uma abordagem discursiva*.

A *Clima* foi uma livraria, gráfica e editora natalense, projetada pelo jornalista, livreiro e editor Carlos Lima (1947-1997), e foi ativa de 1978 até o ano do falecimento do presidente

da casa editorial¹. Sediada, a princípio, em Petrópolis, tinha como *slogan* “prestigiar o autor do Rio G. do Norte”, premissa levada a rigor por Carlos Lima, que publicou 195 títulos norte-rio-grandenses, o que aponta a importância do trabalho editorial de Carlos Lima no âmbito cultural local. Dessas publicações, 32 são de autoria feminina.²

Neste artigo, o objetivo geral é analisar as representações sobre a autoria feminina norte-rio-grandense a partir dos relatos sobre livros da *Clima* no discurso jornalístico natalense, tanto por meio de notícias sobre os lançamentos como por meio de resenhas dos livros lançados. Para tanto, o objetivo desdobra-se em: 1) evocar nomes e publicações literárias de autoria feminina na catalogação de livros da editora *Clima*; 2) fornecer um panorama cronológico das ocorrências das publicações e das autoras na imprensa local durante a primeira parte da década de 1980; e 3) descrever as representações discursivas das autoras no dispositivo jornalístico local.

Ao debruçar-se sobre a discursivização acerca da subjetividade e da autoria feminina no campo discursivo literário-editorial de Natal, dos anos 1980, trata-se de seguir o pressuposto defendido pela historiadora Maria Odila L. da Silva Dias, quando esta diz:

Outras interpretações de identidades femininas somente virão à luz, na medida em que experiências vividas em diferentes conjunturas do passado forem sendo gradativamente documentadas, a fim de que possa emergir não apenas a história da dominação masculina, mas, sobretudo, os papéis informais, as improvisações, a resistência das mulheres (Dias, 2019, p. 340).

1 Há um importante trabalho biográfico sobre Carlos Lima elaborado por Geraldo Queiróz (2022), amigo e um autor publicado pela *Clima* com o título *Geringonça do Nordeste* (1989). A partir de sua catalogação, constam publicações em 1998 do selo editorial, um ano após o falecimento do livreiro.

2 Muitos são os relatos de custeamento integral ou parcial de Carlos Lima frente às publicações, como se vê em nota: “*Flor do Mato*, de Renato Caldas, vai ganhar sua sexta edição. O assunto foi tratado diretamente por Carlos Lima que resolveu bancar tudo por conta e risco de sua Editora *Clima*” (Câmara, 1984, p. 4).

A presença feminina na atividade literária norte-rio-grandense não é novidade, haja vista a celebração de grandes nomes como Nísia Floresta, Auta de Souza e Zila Mamede, para citar alguns casos já célebres. No entanto, não se encerra a necessidade de investigar e trazer à tona, dentro da conjuntura que os suscitou, outros nomes e obras em prosa e verso. Falam-se de nomes, no recorte temporal do artigo, que são concomitantes à difusão dos estudos feministas no Brasil, durante o final dos anos 1970 e ao longo dos anos 1980 em diante, mas que também estão em paralelo a momentos de tensão (vede a emergência da ditadura militar) e que devem ser documentados.

Assim, este artigo estrutura-se da seguinte maneira: primeiramente, apresentam-se conceitos de algumas discussões teórico-metodológicas, a saber, a definição de campo literário, articulado com as noções de gênero e a relação entre mídia e representação de gênero; a apresentação do acervo da pesquisa, na Hemeroteca Digital, e da relação de autoras e títulos literários publicados pela *Clima*. Em seguida, são apresentadas as análises, ou seja, a descrição de tais publicações e suas representações construídas no dispositivo jornalístico. Por fim, são traçadas as conclusões.

Do campo literário e do(s) feminino(s): (dis)sonâncias

Optar pelo campo literário, em vez do grande guarda-sol da Literatura, pode auxiliar em um recorte orientador. O que implica um campo? Dominique Maingueneau (2015), no livro fundamental, *Discurso e Análise do Discurso*, define o campo discursivo também a partir de posicionamentos (estilísticos, ideológicos, temáticos), de modo que “os enunciados se

relacionam com a construção e a preservação de diversas identidades enunciativas que estão em relação de coocorrência e concorrência” (Maingueneau, 2015, p. 68). A exemplo do que interessa à proposta analítica, o campo literário está em concorrência com todos os outros campos da atividade humana, tal como o político, o jornalístico etc., de modo que é entendido como tal por ter seus próprios regimes de enunciação (O que é ou não é literário? Quem pode ou não produzir literatura?), suas regularidades e condições históricas e culturais de emergência de seus objetos.

Em um trabalho anterior, cujo objetivo foi justamente apresentar o contexto da obra literária, Maingueneau (2001), já reivindicava o campo literário no sentido de afastar a literatura de um suposto papel de representação do mundo (um fluxo reflexivo) ou ver nela um circuito fechado, oco, de uma realidade social, como as grades do texto pelo texto nos moldes estruturalistas. Assim, para observar a literatura como um campo, Maingueneau (2001) a define do ponto de vista de uma atividade – uma prática discursiva –, com seus atores (escritores, leitores etc.), demarcando sua presença no mundo e produzindo relações específicas diferenciadas em relação a outros campos discursivos. Essa atividade, por sua vez, está imbricada em um jogo de normas sociais, “espíritos de época”, de modo que a obra literária “ só pode dizer algo no mundo inscrevendo o funcionamento do lugar que a tornou possível, colocando em jogo, em sua enunciação, os problemas colocados pela inscrição social de sua própria enunciação.”(Maingueneau, 2001, p. 30).

Nas veredas da autoria feminina na literatura brasileira, por exemplo, é possível pensar o seu funcionamento a partir de uma dupla localidade no que tange a esse jogo enunciativo. A

primeira concerne ao momento histórico e à cena cultural da emergência de cada obra – por exemplo, o contexto escravocrata brasileiro e a escrita singular da autora do romance *Úrsula* (1859), Maria Firmina dos Reis –, que demarca seu próprio lugar em relação aos projetos literários masculinos no *Romantismo* (cf. Schmidt, 2019). A segunda está orientada para o sujeito escritora, pois a sua vida é “sempre um debate entre a integração e a marginalidade.” (Maingueneau, 2001, p. 39). Esta última diz respeito à aceitação do escritor e de sua obra no próprio círculo literário (enquanto instância legitimadora de sua produção), mas também em círculos (dentro dos campos discursivos), afins ou não, a exemplo dos veículos midiáticos por meio dos quais os resenhistas avaliam os textos lançados. Atualizando essa proposta de Maingueneau (2001), no caso da literatura de autoria feminina, a marginalidade também é dupla porque, além de escritora, figura já posta à margem, é-se mulher.

Embora não existam diplomas que autorizem alguém a escrever, tal como médicos e juristas necessitam deles para operar legalmente em seus ofícios (Maingueneau, 2001), é certo que o *lugar* de escritor, sendo este uma posição ocupada por um sujeito – portanto, uma função discursiva que merece um tópico à parte –, foi atribuído predominantemente às figuras masculinas. Por exemplo, o reconhecimento de Maria Firmina dos Reis em um *cânone* literário brasileiro do século XIX só recentemente foi “autorizado” (cf. Xavier, 1997) porque as condições de legitimação de hoje não são as mesmas que definiam um perfil biográfico de séculos atrás – aquelas que injetaram na memória discursiva (por meio de manuais didáticos, por exemplo) nomes burgueses e brancos.³

3 O perfil biográfico, demarcado com a barra, conforme Maingueneau (2001), diz respeito a essa correlação complexa e específica que amarra a vida de um escritor à sua produção literária.

Essa tensão entre legitimação e deslegitimação, ainda sob a perspectiva de Maingueneau (2001, p. 39), denota que

a literatura tem necessidade de institucionalização (prêmios, academias, antologias, lugares ao sol...) mas legitima-se sobretudo através de seus franco-atiradores, os que escapam a suas instituições. Em literatura, como em religião, existem sempre clérigos e profetas. A enunciação literária alimenta-se dessa instabilidade irreduzível.

Pode-se substituir clérigos e profetas por clérigos e *bruxas*. Apesar das forças patriarcais que condenavam a mulher ao espaço do lar, à conformidade com os modos de vida patriarcal, figuras femininas sempre foram escritoras e traçaram estratégias de resistência para se lançarem como autoras no mundo – a exemplo do uso de pseudônimos masculinos, como será visto posteriormente. Os estudos de gênero, amplamente desenvolvidos desde a segunda metade do século XX, têm sido responsáveis por lançar luz sobre essas presenças femininas e dar-lhes um tratamento que não as devolvam a uma condição de “ausência”.⁴

Para citar um desses estudos, no que tange à sistematização da autoria feminina dos textos literários em prosa, foi publicado um artigo, em 1997, da pesquisadora Elódia Xavier, que fez um percurso da narrativa brasileira alçando nomes em diferentes fases, como Maria Firmina dos Reis, Júlia Lopes de Almeida e Carolina Nabuco, as quais representariam a primeira trajetória da presença feminina na prosa – e as quais “reduplicam padrões

⁴ Na direção de Teresa de Lauretis ([1987]2019), o gênero é uma representação possível, em permanente construção, e em manutenção por diversas tecnologias/dispositivos, como a mídia, movimentos literários e artísticos, a escola, as ferramentas jurídicas etc.

éticos e estéticos, mesmo porque elas ainda não tinham se descoberto como donas do próprio destino.” (Xavier, [1997] 2019, p. 88). Depois, já na segunda metade do século XX, recupera Clarice Lispector como responsável por romper com o estado de coisas, influenciada por uma produção feminista efervescente da época, a exemplo de *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir (1949). Neste longo espaço até 1990, antes de evocar autorias do eixo centro-sul do país: Patrícia Bins, Lya Luft, Márcia Denser e Sônia Coutinho, a autora deixa em aberto um espaço de “tantas outras autoras desse período” (Xavier, [1997] 2019, p. 89), no sentido de que retratam, em algum nível, as relações de gênero.

Trazendo o debate um pouco mais para a literatura norte-rio-grandense e ainda pensando em gêneros literários, a poesia, por sua vez, parece ser um território mais descentralizado no que tange à configuração de um cânone feminino – embora nem todas toquem diretamente nas relações de gênero como propôs Xavier (2019), elas ocupam o *lugar* de escritoras e o fazem a partir das experiências que as atravessam.⁵ Para exemplificar, alguns nomes potiguares, tais como Nísia Floresta e Auta de Souza, no século XIX; Zila Mamede e Marize Castro, no século XX, têm sido amplamente estudadas não apenas em suas posições de autoras, inclusive, mas também em outras posições de inserção nos meios públicos ou semipúblicos.⁶

5 Nas palavras da pesquisadora Débora Cristina Esser (2014, p. 13), “por meio do discurso, as mulheres conseguem projetar a imagem que têm de si próprias e do meio onde vivem, revelando ideias e ideologias muito particulares, que se diferenciam da escrita masculina por apresentarem uma subjetividade inédita dentro da literatura brasileira. Dessa forma, pode-se dizer que o *novo* causa *estranhamento*, e o *estranhamento* é precursor da diferença.”

6 A professora Constância Lima Duarte contribuiu com vários trabalhos sobre as múltiplas facetas de Nísia Floresta e sua relevância para a Educação, a exemplo do livro em parceria com a UNESCO, *Nísia Floresta* (2010).

Considerações sobre o domínio midiático e a representação de gênero

Ao lançar um livro no mundo, ou em um dos momentos prévios, a mídia muitas vezes atua como o “martelo do jurista” ao autorizá-lo ou não perante uma comunidade leitora (populacional, muitas vezes). Mas, antes de tudo, como a representação funciona no discurso midiático?

Patrick Charaudeau (2013), em seu livro *O discurso das mídias*, diz que um acontecimento é selecionado em função de provocar discontinuidades na regularidade do mundo (as quais rompem com os cotidianos citadinos), tal como ocorre no campo literário. Esse acontecimento, por sua vez, é transformado e passado por um filtro linguageiro-discursivo que condiciona tal acontecimento a uma cadeia de significações com seus respectivos propósitos e teores ideológicos. Assim, informações podem ser pedidas ou não, a exemplo do acesso à literatura, o qual pode corresponder a um pedido pressuposto dada a organização da vida social (Charaudeau, 2013).

Cada veículo midiático organiza sua produção linguageira a partir das limitações de seu dispositivo e o que interessa para o trabalho é a imprensa, grande difusora das informações em um Natal, dos anos 1980. Ser entendida como um dispositivo, para Charaudeau (2013, p. 70), implica “uma condição que requer que o ato de comunicação se construa de uma maneira particular, segundo as circunstâncias materiais em que se desenvolve”.

Outro ponto fundamental diz respeito à relação entre a mídia e o gênero social. Nesse sentido, Teresa de Lauretis ([1987]2019) traz contribuições pertinentes no que concerne às construções

da representação de gênero difundidas pelos dispositivos midiáticos. A teórica italiana atualiza as tecnologias propostas por Foucault, uma vez que pretende mostrar como elas atuam de maneira diferente para homens e mulheres na sociedade. Assim, essas tecnologias são entendidas, grosso modo, como um conjunto de produção de saberes que orienta a entender o gênero e a sexualidade, o que perpassa, pois, controles institucionais, tais como a mídia.

Nesse mesmo sentido, em um trabalho derivado das noções propostas por Lauretis e Foucault, Marlène Coulomb-Gully (2014) desenvolve um texto sobre “Gênero, política e análise do discurso das mídias”. Nele, a autora diz que “ as mídias participam diretamente da imposição das normas que estruturam o Gênero, atuando, assim, senão como um reflexo. O discurso desses espelhos, que são as mídias, é, na realidade, tanto prescritivo quanto descritivo.” (Coulomb-Gully, 2014, p. 149).

Embora demarque seu próprio lugar e, portanto, a própria condição de legitimação de seus objetos, a mídia reporta-se a um grande imaginário discursivo (sua descrição), ou seja, os papéis de gênero ou, como diz Coulomb-Gully, os “espelhos” e “caixas” a que pertencem homens e mulheres – os sistemas de valores, portanto. A construção midiática no interior de processos de representação desencadeia-se pelo seu efeito de verdade, este último emergente “da subjetividade do sujeito em sua relação com o mundo, criando uma adesão ao que pode ser julgado verdadeiro pelo fato de que é compartilhável com outras pessoas, e se inscreve nas normas de reconhecimento do mundo.” (Charaudeau, 2013, p. 49).

Portanto, olhar para as marcas de representação do

feminino sob a posição específica de escritora, em um tempo e espaço definidos – visto que o gênero é um conceito em permanente construção – possibilita entender a emergência da autoria feminina nos rastros de uma Natal textualizada em notas jornalísticas.

As representações jornalísticas sobre as autoras das edições *Clima*

A metodologia implicada neste trabalho, bem como a sua natureza, dividiu-se em algumas etapas: pesquisa básica, pela exploração das notas jornalísticas; aplicada-interpretativista, pela relação entre teoria e material coletado.

Em um primeiro momento, foram elencadas as publicações de autoria feminina organizadas no *corpus* já montado da pesquisa e presentes na parte anexa da biografia de Carlos Lima, escrita por Geraldo Queiróz (2022). Das 195 publicações até então catalogadas, o que aponta a importância do trabalho editorial de Carlos Lima no âmbito cultural norte-rio-grandense, 32 dessas publicações são de autoria feminina, sendo 26 os títulos literários abordados nas notas jornalísticas que compõem esta análise. Levantados esses títulos e o nome das autoras, partiu-se para a exploração da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional (FBN). As notas foram filtradas por cada título e autora, no caso da grafia imprecisa de algumas dessas publicações. Ainda, elas foram catalogadas em um acervo digital próprio do projeto de pesquisa, no software *Notion*.

Como uma forma de apresentar as autoras de literatura publicadas pela *Clima*, segue-se um quadro com uma minibiografia dessas mulheres:

Tabela 1 – Minibiografias das autoras com lançamentos literários publicados pela *Clima*⁷

Autora	Informações biográficas	Fonte
Myriam Coeli (1926-1982)	Professora da rede estadual de educação do Rio Grande do Norte, bem como da Faculdade de Filosofia, em 1966, na Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, em 1969, e na Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte, de 1965 a 1974. Foi jornalista na imprensa local e autora de contos e poemas. Algumas de suas publicações poéticas são <i>Imagem virtual</i> (1961), em parceria com o marido Celso da Silveira, e <i>Vivência sobre vivência</i> (1981, Editora Universitária). Aos 55 anos, publicou pela <i>Clima</i> , em parceria com a Fundação José Augusto, o livro poético <i>Cantigas de Amigo</i> (1981).	(Silva, 2005)
Maria Lúcia Lima de Macedo	Publicou pela <i>Clima</i> o livro poético <i>Imagens do tempo</i> (1984)	(Queiróz, 2022)
Dione Maria Barros Caldas (1964-)	Artista plástica e membro da Associação de Jornalistas e Escritoras Brasileiras (AJEB), desde 2010. Em 1982, aos 18 anos de idade, publicou seu primeiro livro poético pela <i>Clima</i> , <i>Canto Vivo</i> (1982). Anteriormente, havia publicado o livro poético <i>Caderno de poesia</i> (1977).	(Neves, 2020)

⁷ Sobre algumas autoras publicadas não foi possível encontrar mais informações além de suas publicações pela Edições Clima.

<p>Sônia Maria Fernandes Ferreira (1944-)</p>	<p>Professora, advogada, ensaísta e poeta. Ocupa a 24ª cadeira da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Pela <i>Clima</i>, em 1983 e aos 39 anos, publicou o livro de poesias <i>Sonância</i>. Ainda sob a mesma chancela, publicou o livro ensaístico <i>De como Câmara Cascudo se tornou um autor consagrado</i> (1986).</p>	<p>(Queiróz, 2022; Cavalcante, 2016)</p>
<p>Maria Cléia da Trindade</p>	<p>Poeta e artista plástica. Em 1984, publicou pela <i>Clima</i> o livro poético <i>Início da Manhã</i>. Pela editora, ilustrou o próprio título e foi ilustradora de <i>As estações do tempo: crônicas</i>, de autoria de João Alfredo Pessoa de Lima Netto. Constam-se outras publicações poéticas suas, a saber: <i>Penumbra</i>, <i>Espelho da noite</i> e <i>Recortes</i>.</p>	<p>(Queiróz, 2022; Patriota, 2016)</p>
<p>Maria Lúcia de Oliveira Brandão</p>	<p>Jornalista. Em 1984, publicou pela <i>Clima</i> o livro de contos <i>Chocolate Amargo</i>. No ano seguinte, 1985, lançou na mesma editora o <i>Circo de papel</i>.</p>	<p>(Ribeiro, 2019)</p>
<p>Marize Castro (1962-)</p>	<p>Poeta, jornalista e editora de chancela própria, <i>Una</i>. Estreou, aos 22 anos, em livro pela <i>Clima</i> em parceria com a Fundação José Augusto, com a publicação <i>Marrons, Crepons, Marfins</i> (1984). Algumas de suas publicações são <i>Rito</i> (1993, CCHLA/UFRN), <i>poço. festim. mosaico</i> (1996), <i>Esperado ouro</i> (2005, EDUFRN), <i>Habitar teu nome</i> (2011, Una), <i>A mesma fome</i> (2016, Una) e <i>Jorro</i> (2020, Una).</p>	<p>(Castro, 2024)</p>

<p>Stella Leonardos (1923-2019)</p>	<p>Natural do Rio de Janeiro. Jornalista, tradutora e teatróloga. Ao visitar Natal, em 1984, publicou o livro poético <i>Pouso em Natal</i>, pela <i>Clima</i> em parceria com a Fundação José Augusto. Outras publicações são <i>Poesia em 3 tempos</i>, vencedor do Prêmio Olavo Bilac de Poesia (1957) e <i>Passos na Areia</i> (1941).</p>	<p>(Revista brasileira, 2014)</p>
<p>Cristiana Maria Ferreira Costa</p>	<p>Em 1985, publicou pela <i>Clima</i> o romance <i>Uma jogada fatal</i>.</p>	<p>(Queiróz, 2022)</p>
<p>Elma Luzia Mousinho (1955-)</p>	<p>Romancista e professora graduada em Ciências Biológicas. Editora da primeira revista do Rio Grande do Norte: <i>A Revista do Norte</i>. Publicou, em 1985, pela <i>Clima</i>, seu romance de estreia: <i>Algemas de Sol e Chuva</i>. No ano seguinte, sob a mesma chancela, publicou seu segundo romance <i>Cercas da Opressão</i> (1986). Também tem publicações infantojuvenis, que são <i>Correio para o céu</i> (1987, <i>Clima</i>) e <i>A revolta do relógio</i> (1988).</p>	<p>(Matos Júnior, Flores e Silva, 2015; Entrevista, 2015)</p>

<p>Diva Cunha (1947-)</p>	<p>Poeta, crítica literária e professora aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Em 1986, aos 39 anos, publicou pela <i>Clima</i> o título poético <i>Canto de Página</i>. Outras publicações poéticas de sua autoria são <i>A palavra estampada</i> (1993, Editora Universitária do CCHLA/UFRN), <i>Coração de Lata</i> (1996, Amarela), <i>Armadilha de Vidro</i> (2004, Uma), <i>Resina</i> (2009, Una).</p>	<p>(Cunha, 2017)</p>
<p>Edna Duarte (1939-)</p>	<p>Contista, cronista e advogada. Sua primeira publicação foi uma coletânea de contos, intitulada <i>Sete degraus do absurdo</i> (FJA), que recebeu menção honrosa do Prêmio Câmara Cascudo, de 1974. Em 1986, aos 47 anos, publicou pela <i>Clima</i> o livro de contos <i>Liquidação Final</i>. Outros títulos da autora são <i>Calungagens de Papel</i> (1984) e <i>Signos da Solidão</i> (1990, Fundação Vingt-un Rosado).</p>	<p>(Onofre Jr., 2024)</p>
<p>Maria Campos</p>	<p>Em 1987, publicou pela <i>Clima</i> o título poético <i>Minadouro</i>. Também é autora de outras produções poéticas <i>Amorainda</i> (1992, FJA), <i>Ranger de gonzos</i> (1989, Nossa Editora) e <i>Outono azul e outras poesias</i> (2003, Scortecci).</p>	<p>(Biblioteca..., 2024)</p>
<p>Maria das Dores Varela Barca Bacurau</p>	<p>Em 1987, publicou pela <i>Clima</i> a coletânea de crônicas <i>Vozes da alma</i>.</p>	<p>(Queiróz, 2022)</p>
<p>Maria do Socorro Batista Martins</p>	<p>Em 1987, publicou pela <i>Clima</i> o título poético <i>Palco da vida</i>.</p>	<p>(Queiróz, 2022)</p>

Gizelda Braz	Poetisa. Em 1988, publicou pela <i>Clima</i> o livro poético <i>Riscos de lápis</i> . Um ano depois, lançou sob a mesma chancela: <i>A flor do dia</i> , que rendeu a autora a Menção honrosa do Prêmio de poesia Othoniel Menezes/1988.	(Biblioteca..., 2024)
Lucinha Morena (1964-)	Lucinha Madana Mohana. Artista musical e poeta. Em 1988, aos 24 anos, publicou o título poético <i>Enigma feiticeiro</i> , pela <i>Clima</i> . Tem um disco lançado em 1991, intitulado <i>Feiticeira de Jaya</i> e sob o selo RDS.	(Crocodiscos, 2024; Queiróz, 2022)
Myrian Gurgel Maia	Professora da Universidade Federal da Paraíba, já falecida. Desenvolveu pesquisas sobre o conto popular e publicações literárias e não literárias voltadas ao humor. Em 1989, lançou pela <i>Clima</i> <i>De boca em boca</i> , de ficção. Algumas outras publicações são <i>Pó pá pó no pé</i> (1995), <i>Boca no trombone</i> (1992, ESAM), <i>Com licença da palavra</i> (1999, SerGraf), <i>Vamos aos cornos</i> (2005, Editora Universitária da Paraíba), <i>Fogo no rabo</i> (2007, Natal Gráfica).	(Biblioteca..., 2024)
Nísia P. Torres Galvão	Em 1992, lançou pela <i>Clima</i> o título poético <i>Cofre de Cristal</i> .	(Queiróz, 2022)
Águeda Ferreira	Em 1994, publicou pela <i>Clima</i> o título poético <i>Raízes de mim</i> .	(Queiróz, 2022)

<p>Mailde Pinto Galvão (1925-2013)</p>	<p>Foi diretora de Documentação e Cultura da Secretaria de Educação do Rio Grande do Norte, no governo de Djalma Maranhão, antes do golpe ditatorial de 1964. Atuou na implantação de bibliotecas populares. Anos mais tarde, em 1994, publica pela <i>Clima</i>, com reedições em outras editoras, o livro de memórias <i>1964: aconteceu em Abril</i>.</p>	<p>(Santos, 2022)</p>
<p>Graziela Costa Fonseca (1935-)</p>	<p>Licenciada em Letras, artista plástica e membro da Associação de Jornalistas e Escritoras Brasileiras (AJEB). Em 1998, publicou pela <i>Clima</i> o livro ficcional <i>Histórias que Dadá contava</i>. Também é autora dos livros <i>Coisas de mim</i> e <i>Breves contos e Poemas soltos</i> (sem data relacionada) .</p>	<p>(Graziela Costa Fonseca..., 2013)</p>
<p>Hermenegilda Isabel de Moura (1935-2015)</p>	<p>Jornalista e poeta. Foi integrante da Academia de Trovas do Rio Grande do Norte (ATRN). Em 1998, publicou pela <i>Clima</i> o título poético <i>Gilda</i>.</p>	<p>(Falando de trova, 2024)</p>

Fonte: elaborado pela autora.

Em um segundo momento, foram analisadas 14 notas jornalísticas, das quais destacam-se os jornalistas Cassiano Arruda Câmara e Paulo Macedo, haja vista que tais figuras assinavam diariamente suas próprias colunas no *Diário de Natal*, respectivamente, “Roda viva” e “Paulo Macedo” e nelas tratavam de variados assuntos da vida social norte-rio-grandense. Assim sendo, esses sujeitos operam na criação e manutenção de efeitos de verdade, que, no corpo do trabalho, trata-se da adesão

do público quanto às representações das autoras na imprensa (Charaudeau, 2013).

Um panorama geral: alçando nomes e publicações

Durante os anos de atividade da *Clima*, de 1978 a 1997, considerando o universo de 195 livros até então catalogados, registrou-se 32 publicações de autoria feminina, sendo 26 títulos literários: coletâneas de poemas, contos e romances. Para uma observação geral, segue o quadro abaixo em ordem cronológica de lançamento. Vale salientar, no entanto, que uma publicação não consta gênero literário, mas foi catalogada enquanto tal porque algumas notas jornalísticas relacionadas a tomam como “ficcional” ou, ainda, literário.

Tabela 2 – Catalogação de livros literários de autoria feminina da *Clima*⁸

Autora	Livro	Gênero literário	Ano
Myriam Coeli	Cantigas de amigo	Poema	1981
Maria Lúcia Lima de Macedo	Imagens do tempo (*)	Poema	1981
Dione Maria Barros Caldas	Canto vivo	Poema	1982
Sônia Maria Fernandes Ferreira	Sonância	Poema	1983
Maria Cléia da Trindade	Início da manhã	Poema	1984
Maria Lúcia de Oliveira Brandão	Chocolate amargo	Conto	1984

⁸ Os títulos com asterisco (*) não apresentaram ocorrências na Hemeroteca Digital e, portanto, não foram analisados nas subseções posteriores.

Marize Castro	Marrons, Crepons, Marfins	Poema	1984
Stella Leonardos	Pouso em Natal	Poema	1984
Cristiana Maria Ferreira Costa	Uma jogada fatal	Romance	1985
Elma Luzia Mousinho	Algemas de Sol e Chuva	Romance	1985
Maria Lúcia de Oliveira Brandão	Circo de papel	--	1985
Diva Cunha	Canto de página	Poema	1986
Edna Duarte	Liquidação final	Conto	1986
Maria Campos	Minadouro (*)	Poema	1987
Maria das Dores Varela Barca Bacurau	Vozes da alma	Crônica	1987
Maria do Socorro Batista Martins	Palco da vida (*)	Poema	1987
Elma Luzia Mousinho	Cercas da opressão (*)	Romance	1988
Gizelda Braz	Riscos de Lápis (*)	Poema	1988
Lucinha Morena	Enigma feiticeiro	Poema	1988
Gizelda Braz	A flor do dia	Poema	1989
Myrian Gurgel Maia	De boca em boca (*)	Ficção	1989
Nísia P. Torres Galvão	Cofre de cristal (*)	Poema	1992
Águeda Ferreira	Raízes de mim (*)	Poema	1994
Mailde Pinto Galvão	1964. Aconteceu em abril (*)	Romance	1994

Graziela Costa Fonseca	Estórias que Dadá contava (*)	Ficção*	1998
Hermenegilda Isabel de Moura	Gilda (*)	Poema	1998

Fonte: elaboração própria.

Dos anos 1981 a 1984: a onda poética

Em janeiro de 1981, foi noticiado pelo *Diário de Natal*, conforme comentado anteriormente, que Myriam Coeli ganhara o prêmio de poesia Otoniel Menezes com o título *Cantigas de Amigo*. Foi essa solenidade que a oportunizou, um mês depois, publicar o livro pela *Clima*, em parceria com a Fundação José Augusto. É assim que a primeira publicação de autoria feminina entra no catálogo da editora: pelo aval de uma premiação literária. Trazendo novamente o pensamento de Maingueneau (2001), a literatura tem a necessidade de institucionalizar-se para garantir seu “lugar ao sol”; e a autoria feminina, também para ser legitimada enquanto tal, perpassou por essa institucionalização.

Esse processo evidencia entraves, como certos fantasmas que as mulheres escritoras enfrentaram para se instituírem no campo literário. Na nota jornalística apresentada, sem assinatura, e intitulada “Prefeito entrega os prêmios literários a Myriam e Roberto”, consta-se que “a inscrição de Myriam no Otoniel Menezes foi feita por Celso da Silveira [seu marido] sem que ela soubesse” (Prefeito entrega [...], 1981, p. 8), e assinada, inclusive com o pseudônimo de Celene. Esses dois enunciados indicam, pois, dois processos comuns envoltos à autoria feminina: o aval do marido (também poeta) e o uso do pseudônimo.

Em pequena nota publicada no dia do lançamento do livro, 13 de fevereiro de 1981, na já mencionada coluna Roda Viva, do *Diário de Natal*, marca-se a fala do então Secretário de Educação de Natal, Geraldo Queiroz: “mais que um livro, mais do que uma canção de amor, é toda a força de viver expressa” (Câmara, 1981, p. 4).⁹ Assim, vê-se que o processo de legitimação também é decorrente de outras vozes masculinas, em posição de prestígio.

Em outra longa nota publicada no mesmo dia e no mesmo periódico, por ocasião do lançamento do título na Livraria Clima, observa-se uma longa nota (sem assinatura) com a imagem da autora e uma legenda que diz: “valores humanos com técnica ingênua” (Myriam Coeli lança [...], 1981, p. 5).

A nota anuncia o lançamento do livro inserindo palavras da autora sobre o seu processo de escritura: a experimentação e o sentimentalismo (a chamada técnica “ingênua”); a inspiração medieval; a sua função *materna* e de *dona de casa* envoltas no fazer poético. Mais ao final do texto, salienta-se, na marcação aspeada da voz de Myriam Coeli que “embora goste de escrever, não tenho muita animação para livros” (Myriam Coeli lança [...], 1981, p. 5). A partir desse conjunto de características sobressaltadas no evento de lançamento literário, a mídia local constrói uma representação da autoria feminina muito imbricada no imaginário coletivo de mulher daquele tempo: sua relação com a família, com a casa, da pouca instrução, de uma escrita atravessada por essa dupla função mãe-escritora e na condição de um passatempo doméstico.

Já no ano seguinte, 1982, estreia pela *Clima* a poeta natalense Dione Maria Barros Caldas, com seu livro *Canto Vivo*. Como modo de introduzi-la, em uma edição do *Diário da*

⁹ Geraldo Queiroz também teve um livro publicado pela Edições Clima em parceria com a Fundação José Augusto, *Geringonça do Nordeste* (1989). Também escreveu a biografia de Carlos Lima, lançada em 2022, pela *Offset*.

Manhã, de Pernambuco (23 de janeiro de 1984), estampa-se na primeira página seu poema *Pássaros voando*, seguido de uma minibiografia, a qual diz: “Dione Caldas escreveu este poema aos 12 anos, juntamente com outros que integram o livro” (Caldas, 1984, p. 14).

A sua tenra idade é um fator evidenciado também na imprensa local, bem como sua ligação filial ao pai Dorian Gray Caldas, naquele tempo ilustrador, capista e autor publicado pela *Clima* (*Estórias fantásticas*, 1980). O vínculo familiar é uma das poucas características da autora presentes em uma nota do *Diário de Natal* (Macedo, 1982, p. 2), na ocasião do lançamento do livro na Livraria Clima, em 9 de setembro de 1982. Sendo assim, a representação midiática sobre a autoria feminina recai, desta vez, na função de *filha*.

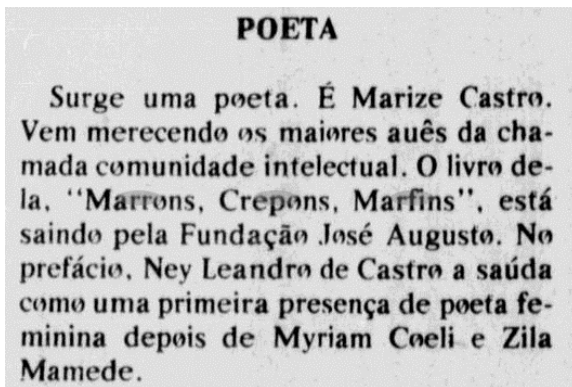
Já no ano seguinte, em 24 de maio de 1983, publica-se na Feira dos Municípios, na cidade potiguar interiorana de Eduardo Gomes, o livro poético *Sonância*, da autora Sônia Fernandes Ferreira, sendo o primeiro lançamento literário de autoria feminina da *Clima* observado fora de Natal. Em notas jornalísticas sucintas, no *Diário de Natal*, nas colunas Paulo Macedo e Roda Viva, ambas apresentam a autora como “professora universitária”, seguida da sua relação filial com o marido, então Deputado Federal João Faustino (Macedo, 1983, p. 2; Câmara, 1983, p. 4), o que evidencia semelhante processo de supressão identitária para se vincular a um outro ente (masculino).

Por outro lado, no suplemento do referido jornal, *O Poti*, destaca-se uma resenha, publicada por José Jácome Barreto, intitulada *A simplicidade dos eleitos* (Barreto, 1984, p. 23). É a primeira materialidade, das notas encontradas até então que se

dedica a destrinchar uma das publicações de autoria feminina, no caso, *Sonância*, considerando o trabalho poético: seus ritmos, ressonâncias, sonoridades, bem como “pequenos pecados”, ditos comuns a autores estreados.

Na mesma onda poética, o livro de estreia de Marize Castro, em parceria com a Fundação José Augusto e vencedor do prêmio de poesia desta organização em 1983, *Marrons, crepons, marfins*, foi o que mais gerou ocorrências na Hemeroteca. Na primeira nota coletada da imprensa local, na coluna Roda Viva, no *Diário de Natal*, datada de 31 de julho de 1984, lê-se:

Figura 1 – Poeta



Fonte: (Câmara, 1984b, p. 4).

Sabe-se que, atualmente, Marize Castro ocupa um lugar prestigiado na literatura potiguar, que decorre de uma longa jornada de reconhecimentos (e percalços). A exemplo do lugar ao sol da literatura, seu primeiro lançamento em livro foi, inclusive, de modo semelhante a Myriam Coeli, pelo aval do prêmio de poesia da Fundação José Augusto, de 1983 (cf. Macedo, 1984), ganhando também o Prêmio Othoniel Menezes, anos mais tarde, o de 1998. Outro exemplo dessa institucionalização,

que opera na manutenção da legitimidade de sua poética é a sua apropriação pelos estudos literários, a exemplo do artigo *Insurgências femininas na poesia de Língua Portuguesa a partir dos anos 1970* (Flores; Cavalcante, 2023) e mesmo em antologias fundamentais que delinham a literatura feminina no Rio Grande do Norte (cf. Duarte; Macedo, 1994).

A chegada de Marize Castro ao campo literário, conforme a nota apresentada na Figura 1, foi demarcada com a afirmação de que o surgimento da poeta causou “um certo auê” na comunidade intelectual. Essa percepção sugere um caráter disruptivo, uma força descontínua no que vinha se produzindo de literatura até então, criando um efeito de “saliência” e de “pregnância”, nas palavras de Charaudeau (2013, p. 99-100).

De fato, o fazer poético da autora é revestido de uma força feminina que o atravessa, em consonância com a expansão do movimento feminista no Brasil, bem como de uma percepção de si e de outras em uma

recatada comunidade literária desta cidade dos Santos Reis, [em que] surge voluptuosa, sensualista e ardentemente feminina, uma jovem estreante do verso que traz na sua bagagem de noviça da ‘era poética’ todos os ingredientes à sua definitiva afirmação dessa comunidade: talento, coragem e muita autenticidade (Barreto, 1985, p. 5).

É a partir da ruptura com a “recatada comunidade literária desta cidade dos Santos Reis”, portanto, que Marize Castro é recebida por alguns resenhistas, assim como é filiada (pela primeira vez entre as publicações mencionadas) às outras poetisas conterrâneas, como vê-se na Figura 1, mas também à Ana Cristina César (Marize lança [...], 1984, p. 5), que é referida na própria matéria poética de Castro. Ainda, como já foi inferido,

a representação da autora como causadora de um rompante na “comunidade intelectual” é comum às notas, algumas das quais tentam classificar sua poética, como esta publicada no *Diário de Pernambuco* (Prado, 1985, p. 46): “Diante do pornô-poema genitário, Marize também finge desconhecê-lo, resplandecendo de corpo inteiro e indisciplinando a hierarquia de qualquer falocrático império dos sentidos”.

Diante desse panorama inicial em 1984, vê-se como a empreitada da *Clima* fertiliza um terreno poético para a autoria feminina, estreando algumas autoras e coroando outras devido aos prêmios poéticos recebidos por elas durante essa fase inicial. No entanto, conforme comentado por Woolf, certos estigmas perseguem o fazer literário dessas mulheres, seja em relação ao vínculo com o nome de figuras masculinas, maridos, pais, avôs, seja em relação à rejeição da escrita como uma atividade de menor prestígio, produzida no espaço doméstico, como se viu na nota vinculada à Myriam Coeli (1981).

Algumas conclusões

No percurso apresentado neste artigo, visando compreender as representações sobre a presença feminina no campo literário potiguar, visualizaram-se diferentes construções: algumas atuaram no reforço dos estereótipos de gênero (a escrita como um passatempo doméstico, o aval do marido, a ligação familiar) e outras, principalmente as resenhas, que adentraram o próprio conteúdo temático das produções literárias. Ainda, percebeu-se a correlação filial como um modo de supressão das identidades femininas (a relação com o marido, o pai, o avô etc.) ou a presença de um ente terceiro, normalmente masculino, para

avaliar a literatura produzida.

Nesse sentido, a análise das notas jornalísticas possibilita compreender o papel da mídia em sua relação com a imagem dessas autoras. Uma vez que esse dispositivo possui efeitos de verdade, isto é, dado que cria uma adesão do público e se insere nas normas de reconhecimento do mundo (Charaudeau, 2013), a mídia e seus sujeitos operam na construção das representações de tais autoras, de tal modo que as legitima a partir dessa imagem e difundem-nas no imaginário discursivo.

As notas jornalísticas são documentos importantes para compreender como foi o recebimento dessas autoras, as datas de lançamento de seus livros e os pontos da cidade frequentados em tais eventos de sociabilidade literária, bem como recuperar sua própria materialidade textual, no caso da transcrição de poemas, contos e romances, e as dinâmicas de tessitura. É o que possibilita, também, apreender os outros envolvidos na produção literária: editores, prefaciadores, apresentadores, ilustradores etc., conforme visualizado em algumas das notas aferidas.

Referências

BARRETO, José Jácome. A simplicidade dos eleitos: impressões de um livro de poesias. *O Poti*, Natal, n. 5, 29 jan. 1984, p. 23. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/031151_04/7077. Acesso em: 02 dez. 2024.

BARRETO, José Jácome. Marrons de Marize Castro Crepons Marfins. *O Poti*, Natal, n. 2, 13 jan. 1985, p. 21. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/031151_04/8633. Acesso em: 02 dez. 2024.

CALDAS, Dione Maria Barros Caldas. Pássaros voando. *Diário da Manhã*, Recife, n. 122, 23 jan. 1984. Espaço cultural, p. 14. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/093262_07/13088. Acesso em: 02 dez. 2024.

CÂMARA, Cassiano Arruda. Cantigas. *Diário de Natal*, Natal, n. 11200, 13 fev. 1981. Roda viva, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028711_03/3915. Acesso em: 22 nov. 2024.

CÂMARA, Cassiano Arruda. Sonância. *Diário de Natal*, Natal, n. 95, 24 maio 1983. Roda viva, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028711_03/11265. Acesso em: 02 dez. 2024

CÂMARA, Cassiano Arruda. Edição. *Diário de Natal*, Natal, n. 120. 26 jun. 1984a. Roda viva, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028711_03/14793. Acesso em: 15 jul. 2024.

CÂMARA, Cassiano Arruda. Poeta. *Diário de Natal*, Natal, n. 145. 31 jul. 1984b. Roda viva, p. 4. Acesso em: 02 dez. 2024

CAVALCANTE, Manoel. *Cultura Pau-Ferrense*. 2016. Disponível em: <https://culturapauferrense.blogspot.com/2016/02/>. Acesso em: 29 nov. 2024

CASTRO, Marize. *Biografia*. 2024. Instagram: @marizecastro2812. Disponível em: <https://www.instagram.com/marizecastro2812/>. Acesso em: 29 nov. 2024.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Tradução de Ângela M. S. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

COULUMB-GULLY, Marlène. *Gênero, política e análise do discurso das mídias* In: PIOVENAZI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice. (org.) *Presenças de Foucault na Análise do Discurso*. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 147-162.

CROCODISCOS. 2024. Disponível em: <https://crocodiscos.com/produto/lucinha-madanamohana-feiticeira-de-jaya-1991/>. Acesso em: 29 nov. 2024.

CUNHA, Diva. *Armadilha de vidro*. Revista Cronos, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 181–182, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/12956>. Acesso em: 29 nov. 2024.

CASTRO, Marize. *Biografia*. 2024. Instagram: @marizecastro2812. Disponível em: <https://www.instagram.com/marizecastro2812/>. Acesso em: 29 nov. 2024.

CROCODISCOS. 2024. Disponível em: <https://crocodiscos.com/roduto/lucinha-madanamohana-feiticeira-de-jaya-1991/>. Acesso em: 29 nov. 2024.

CUNHA, Diva. *Armadilha de vidro*. Revista Cronos, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 181–182, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/12956>. Acesso em: 29 nov. 2024.

DIAS, Maria Odila L. da Silva. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 339-350.

DUARTE, Constância. O feminino fragmentado. In: *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 31-37, jul./dez. 2009.

DUARTE, Constância Lima (org). *Mulher e literatura no RN*. Natal: UFRN/CCHLA, 1994.

ENTREVISTA com a escritora Elma Luzia Mousinho. 2015. Disponível em: <https://literaturanorn.blogspot.com/2015/03/elma-luzia-mousinho-autora-dos-romances.html>. Acesso em: 29 nov. 2024.

ESSER, Débora Cristina. Literatura de autoria feminina: mulheres em cena, na história e na memória. *Línguas & Letras*, [S. l.], v. 15, n. 30, 2014. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/10658>. Acesso em: 23 nov. 2024.

FALANDO de Trova. 2024. Disponível em: <https://falandodetrova.com.br/gildamoura>. Acesso em: 29 nov. 2024.

FERNANDES, Rizolete. *Canções de Abril*. Natal: Una, 2010.

FLORES, Conceição.; FERREIRA CAVALCANTE, Ilane. Insurgências femininas na poesia de Língua Portuguesa a partir dos anos 1970. *Revista Cronos*, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 43–59, 2023. DOI: 10.21680/1982-5560.2022v23n1ID34435. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/34435>. Acesso em: 2 dez. 2024.

GRAZIELA Costa Fonseca [Artista Plástica e Poeta Brasileira]. *Sociedade dos poetas amigos*. 2013. Disponível em: <https://sociedadedospoetasamigos.blogspot.com/2013/05/graziela-costa-fonseca-artistaplastica.html>. Acesso em: 29 nov. 2024.

LAURETIS, Teresa de. *Tecnologias de gênero*. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade*. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Párabola Editorial, 2015.

MARIZE lança marrons, crepons e marfins hoje. *Diário de Natal*, Natal, n. 238, 12 dez. 1984. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028711_03/16294. Acesso em: 02 dez. 2024

MATOS JÚNIOR, Gustavo de; FLORES, Conceição; SILVA, Tatiane Pereira da. *Algemas de sole chuva: metáforas da opressão*. Quipus: Revista Científica das Escolas de Comunicação e Artes e Educação, Natal, v. 1, n. 4, p. 59-65, 2014. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/268081927.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2024.

MUNIZ, Cellina Rodrigues. As edições clima (1978-1997) e suas condições de enunciação: considerações sobre funções discursivas e amizade. *Mneme - Revista de Humanidades*, [S.l.], v. 24, n. 47, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/34749>. Acesso em: 10 nov. 2025.

MYRIAM Coeli lança hoje seu “Cantigas de Amigo”. *Diário de Natal*, Natal, n. 11200, 13 fev. 1981. *Cidades*, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028711_03/3916. Acesso em: 02 dez. 2024.

NEVES, Alfredo. A arte expressionista de Dione Caldas. *Potiguar Notícias*. Parnamirim, p. 0-0. 21 abr. 2020. Disponível em: <https://www.potiguarnoticias.com.br/colunas/post/3280/a-arte-expressionista-de-dione-caldas>. Acesso em: 29 nov. 2024.

ONOFRE JÚNIOR, Manoel. *Escritores mossoroenses: parte 1*. Papo Cultura. [S.l.], 3 maio 2024. Disponível em: <https://papocultura.com.br/escritores-mossoroenses-parte-1-ednaduarte/>. Acesso em: 29 nov. 2024.

PATRIOTA, Nelson. *Primeira leitura da poesia reunida* de Cléia da Trindade. *Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras*, Natal, v. 49, p. 38-40, out. 2016. Disponível em: <https://anrl.org.br/wp-content/uploads/2021/11/anl-49.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2024.

PRADO, Marcus. Poemas de Marize. *Diário de Pernambuco*,

Recife, n. 26, 26 jan. 1985. Livros e autores, p. 46. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/029033_16/85327. Acesso em: 02 dez. 2024.

PREFEITO entrega os prêmios literários a Myriam e Roberto Lima. *Diário de Natal*, Natal, n. 11171, 1 jan. 1981, p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028711_03/3520. Acesso em: 22 nov. 2024.

QUEIROZ, Geraldo. *Um editor camarada*. Natal: Offset, 2022.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Rio de Janeiro: Presença, 1988.

RIBEIRO, Ramon. *Veraneios de saudar o sol e dourar a vida*. Tribuna do Norte. Natal, 27 jan. 2019. Disponível em: <https://tribunadonorte.com.br/tn-familia/veraneios-de-saudar-sol-e-dourar-a-vida/>. Acesso em: 29 nov. 2024.

REVISTA BRASILEIRA. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, jan.-mar., n. 78, 2014. Trimestral. Disponível em: <https://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/revista-brasileira-78.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2024.

SANTOS, Danyelle Costa dos. *A importância da literatura potiguar e o papel do bibliotecário como mediador literário*. 2022. 79 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/46394/1/ImportanciaLiteraturaPotiguar_Santos_2022.pdf. Acesso em: 29 nov. 2024.

SILVA, Amélia Cristina Reis e. *Prática docente* de Myriam Coeli na década de 1960. 2005. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/14165/1/AmeliaCRS.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2024.

SCHMIDT, Rita Terezinha. *Na literatura, mulheres que*

reescrevem a nação. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org). Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 63-77.

WOOLF, Virginia. *Profissão para mulheres e outros artigos feministas*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016

XAVIER, Elódia. *Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória. Revista Leitura, [S. l.], v. 2, n. 18, p. 87-95, 2019[1996]*. DOI: 10.28998/2317-9945.199618.87-95. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/6825>. Acesso em: 9 maio. 2024.